

## AS CONTRIBUIÇÕES DA NOVA HISTÓRIA E TEOLOGIA CULTURAL PARA A IDENTIDADE DO ENSINO RELIGIOSO<sup>1</sup>

### CONTRIBUTIONS OF NEW CULTURAL HISTORY AND THEOLOGY FOR THE IDENTITY OF RELIGIOUS EDUCATION

SÉRGIO ROGÉRIO AZEVEDO JUNQUEIRA

Doutor. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia,  
PUC-PR, Curitiba – PR – BR.  
srjunq@gmail.com

CLAUDIA REGINA KLUCK

Mestranda,  
PUC-PR, Curitiba – PR – BR.  
claudiakluck@gmail.com

#### Resumo

A distinção a respeito da identidade do Ensino Religioso no Brasil tem sido pesquisada através dos livros didáticos produzidos para este componente curricular, entre o período de 1996 e 2014. Por conta da identificação e mapeamento das fontes (livros didáticos) localizados em bibliotecas, instituições escolares, e coleções particulares, as conseqüentes análises têm se valido do aporte metodológico da História e mais especificamente da Nova História Cultural em Chartier (1990 e 2002). Contudo ao debruçar-se sobre a temática da identidade da disciplina e por se tratar de conteúdo eminentemente religioso se mostraram profícuas as necessárias ligações teórico-metodológicas entre a Nova História Cultural e a Teologia Cultural em Tillich (2010), cujas confluências contribuem para pensar a identidade dessa disciplina, tantas vezes incompreendida e por isso mesmo tendo sua práxis educativa esvaziada ou combatida na prática do Ensino Religioso.

**Palavras-chave:** Ensino Religioso. Identidade. Prática Pedagógica.

#### Abstract

The distinction as to the identity of Religious Education in Brazil has been investigated through the textbooks produced for this curricular component, the period between 1996 and 2014. Due to the identification and mapping of sources (textbooks) located in libraries, educational institutions and private collections, the resulting analyzes have been using the methodological approach of history and more specifically New Cultural History in Chartier (1990 and 2002). However to look into the issue of identity of the subject and because it is eminently religious content proved fruitful the necessary theoretical and methodological connections between New Cultural History and Cultural Tillich in Theology (2010), whose confluences contribute to thinking identity of this discipline, so often misunderstood and therefore having emptied their educational praxis or countered in the practice of Religious Education.

**Keywords:** Religious Education. Identity. Teaching Practice.

<sup>1</sup> Esta pesquisa é financiada pela Fundação Araucária do Paraná

## 1. SOBRE AS PESQUISAS DO GRUPO – LEGISLAÇÃO E CURSOS DE FORMAÇÃO

Historicamente o Ensino Religioso tem sido mote de estudo, discussão e reflexão e alguns grupos de pesquisa dispararam seus estudos a respeito disponibilizando os resultados obtidos a outros pesquisadores da área, como é o caso do Grupo de Educação e Religião<sup>2</sup>.

Este grupo, dentre outras frentes de pesquisa a respeito do Ensino Religioso, tem reunido e disponibilizado importante documentação a respeito, a saber: legislações em níveis nacional e estadual; um profundo mapeamento quanto aos cursos de formação para a disciplina, em diferentes níveis (formação inicial, formação continuada, extensão, pós-graduação, etc.), teses e dissertações produção nacionalmente.

O estudo a que se refere o presente texto é parte de pesquisa que se dedicou para a organização, fichamento e análise do conteúdo de livros didáticos do Ensino Religioso, no período entre 1901 a 2014, buscando favorecer o entendimento a respeito da identidade desta área do conhecimento.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados os pressupostos da História Cultural, que têm sua gênese no movimento da Escola dos Annales e que desde os precursores Marc Bloch e Lucien Febvre têm sofrido mudanças ao longo dos anos.

De uma História de longa duração (totalizante), das mentalidades até a História vista de baixo, micro-história foram longos e pesados passos, que deram condições para que a proposição de novos temas e novas fontes pudessem ser testemunhos do que já ocorreu, ou melhor, neste caso, pelo viés da análise histórica dos livros didáticos utilizados na disciplina do Ensino Religioso, contribuíssem para o conhecimento de sua identidade.

Depois da primeira geração de Annales, a segunda, em que há uma aproximação da História com a Geografia. Um dos importantes representantes é Fernand Braudel, que desenvolve questões a respeito do tempo e espaço. Ele decompõe o tempo da história em outros tempos, que tem interrelação, a saber, o tempo social, o individual e o geográfico, este último marcando a relação entre o homem e o meio em que vive.

---

<sup>2</sup> Grupo formado e registrado na Capes desde 2005, cuja contribuição esta registrada e disponível em <<http://www.gper.com.br>>.

A terceira geração de Annales estabelece vínculos com os aspectos culturais das coletividades, mais antropológica, e rompendo com uma história total, ampla, passando a se dedicar a questões sociais e culturais, introduzindo outros personagens na historiografia, como a criança, a mulher, a família. Le Goff é um ícone desta geração, e se dedica a estudar detalhadamente as transformações do imaginário medieval no ano 1000.

A Nova História Cultural, quarta geração da Escola dos Annales, surge em 1980 com as publicações da historiadora Lynn Hunt. Também Carlos Ginzburg<sup>3</sup> se dedica a história deixada a margem, extraído a partir do moleiro Menocchio, através dos documentos da Inquisição medieval, aspectos da estrutura e dinâmica das realidades sociais. Além dele Roger Chartier, teórico por excelência das pesquisas com base na Nova História Cultural tem se dedicado a pesquisa ao mundo dos impressos e em especial da cultura escolar.

Inserir-se na pesquisa, além de Chartier, Paul Tillich distinguindo-se junto com a sua Teologia Cultural, como capazes de contribuir para o discernimento da identidade da disciplina. Tillich versa a respeito do conhecimento teológico, muitos aspectos desenvolvidos pela História Cultural.

Então estão distintos os dois colaboradores para o substrato do Ensino Religioso. Substrato como sendo aquilo que constitui a essência da disciplina, tendo em vista ser seu foco o conhecimento religioso diretamente ligado ao aspecto cultural das diferentes vertentes religiosas.

### **SOBRE A DISTINÇÃO A RESPEITO DA IDENTIDADE DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL ENTRE 1901 E 1996**

Na Constituição de 1988 o Ensino Religioso de forma destacada, moveu um grande contingente a fim de que a disciplina permanecesse no currículo da escola brasileira. Isso se mostrou profícuo.

Além de constar na Constituição Cidadã, também na Lei de Diretrizes e Bases 9496/96 – e revisões posteriores têm orientado de maneira a assegurar a formação básica

---

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. Na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, versa que

[...] art. 33 O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo [...]. (REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Lei n. 9.475 (22 julho 1997), in: FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO, Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, São Paulo, Ave Maria, 1998, 3a ed., p. 66.)

De acordo com a lei brasileira a prática e a identidade da disciplina deve abolir a prática prosélita e estar ligada à fenomenologia de Husserl<sup>4</sup> que é apresentada como uma ciência aparece à consciência, como aquela do sentido do mundo e das suas coisas, procurando compreender o homem a partir dos fatos, como forma de não parcialização, evitando a explicação a partir de conceitos e crenças prévias, e de referenciais anteriores ao exame do fenômeno.

Essa vertente conceitual dá condições de uma prática pedagógica que observa a integralidade, da continuidade histórica e cultural.

## HISTÓRIA CULTURAL EM CHARTIER

Como dito anteriormente, este estudo qualitativo, se serve da fenomenologia sob a ótica de Edmund Husserl (1859-1938), que propõe “avançar para as próprias coisas”<sup>5</sup>, sendo aquilo que é visto imediatamente, orientado para o objeto ou para o dado, ou seja, o fenômeno – não pretendendo aferir se o dado é uma realidade ou aparência.

Assim o método fenomenológico busca compreender por meio da intuição e apresentar tão somente o que é o dado e esclarecê-lo, pois “não explica mediante leis nem deduz a partir de princípios, mas considera imediatamente o que está presente à consciência: o objeto.”<sup>6</sup>

Tendo em vista a natureza dos materiais, cabe ao método histórico, que investiga acontecimentos ou instituições do passado, auxiliar na percepção da influência dos Livros Didáticos na sociedade, sendo seu foco, ao refletir sobre suas raízes, compreender sua

<sup>4</sup> HUSSERL, Edmund. A crise da Humanidade Européia e a Filosofia. P. 7. Porto Alegre: EDIPUCS, 1996.

<sup>5</sup> GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. P. 14. 6ª Ed. São Paulo: Ed. Atlas. 2008.

<sup>6</sup> Gil, 2008, 14.

natureza e função conforme ensinam Marconi e Lakatos<sup>7</sup>, “as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.” Portanto é neste entrecruzamento de micro (livros didáticos do Ensino Religioso) e macrohistória (História da Educação Brasileira) que a História Cultural pode dar sua contribuição.

A característica metodológica da História Cultural, diz sobre as inúmeras relações possíveis entre o detalhe e o contexto, tendo em vista às lentes utilizadas pelos pesquisadores na análise das fontes, o que é percebido por Burke<sup>8</sup> como força e fraqueza, pois enquanto flexibiliza as pesquisas, também pode fragmentar os temas abordados.

A História Cultural aborda uma pluralidade de temas, que abre possibilidade para um sem fim de fontes. Além das tradicionalmente utilizadas para o estudo da História da Educação – legislação e documentos oficiais, relatórios e pareceres da instrução pública, também outros documentos escritos de natureza oficial em geral – novas fontes são utilizadas pelos historiadores, como imagens, fontes orais (gravações, entrevistas e relatos), revistas pedagógicas, manuais escolares, jornais, peças publicitárias, obras artísticas, etc.

A diversidade de fontes exige daqueles que se propõem a analisá-las, cuidado desde sua localização, pois o tratamento das mesmas exige o rigor necessário para lhe atribuir o valor da cientificidade, além de poder propiciar um novo olhar para a escola – pois estas se apresentam “como locais que portam um arsenal de fontes e de informações fundamentais para a formulação e interpretações sobre elas próprias e, sobretudo, sobre a história da educação brasileira”<sup>9</sup>.

Compreender o modo de articulação entre os recortes sociais e as práticas culturais tem sido o esforço dos historiadores da cultura, com base na base teórica desenvolvida por Burke, Chervel e Chartier.

Burke explica que não existe uma defesa em prol da História Cultural, no quesito em ser a melhor forma de história, porém ele explica que são necessárias suas contribuições,

---

<sup>7</sup> MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. P. 107. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Atlas. 2003.

<sup>8</sup> BURKE, Peter. *O que é História Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

<sup>9</sup> GATTI JR., Décio. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. P. 4. Campinas/SP: Autores Associados, Uberlândia/MG, Editora da Universidade Federal de Uberlândia. p. 3-24, 2002

como forma de não se retornar ao modelo “positivista dos documentos históricos de uma compreensão literal onde não se destacam os simbolismo”<sup>10</sup>.

Chervel<sup>11</sup> contribui de diferentes maneiras, e uma das primeiras é o entendimento a respeito das disciplinas escolares enquanto interventoras na história cultural da sociedade. Seu ideário se localiza no bojo da história cultural, pois entende que seu “aspecto funcional é o de preparar a aculturação dos alunos em conformidade com certas finalidades: é isso que explica sua gênese e constitui sua razão social”.

Opta-se pelo posicionamento histórico em Chartier, tendo em vista seus conceitos de representação e apropriação, obtidos em pesquisas cujo foco foram os impressos e suas diferentes leituras, voltados principalmente para formação de docentes.

Chartier contribui de forma especial ao sintetizar conceitos de outros teóricos como Pierre Bordieu, Michel de Certeau, Michel Foucault e outros que dão lastro para a formulação dos próprios conceitos.

Servir-se de aporte teórico que este autor desenvolve, é poder refletir a respeito dos livros didáticos do Ensino Religioso e descobrir “um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nas condutas aparentemente menos ‘culturais’<sup>12</sup>, pois vai além do entendimento de ser a cultura estabelecida somente por uma estrutura, como se fosse um nível à parte do todo social, na verdade é necessário pensá-la como o todo das relações, incluindo as econômicas ou sociais, que envolvem os esquemas de percepção e de apreciação de diferentes sujeitos e suas representações constitutivas – e a isso se pode chamar Cultura<sup>13</sup> que inclui a dimensão prática da vida.

Para Chartier, é necessária a articulação de um trabalho de classificação e de delimitação, as práticas em que pode perceber a identidade social e ainda as formas de discurso institucionalizadas, em instâncias coletivas, que marcam a existência do grupo – estabelecem a noção de representação<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> Burke, 2005, 164.

<sup>11</sup> CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. P. 220. Teoria e Educação. Porto Alegre, n. 2, 1990.

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. P. 59. Porto Alegre:UFRS, 2002.

<sup>13</sup> CHARTIER, 2002, 59.

<sup>14</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. P. 23. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Desta forma, a História Cultural, para ele é tomada como “História Cultural do Social”<sup>15</sup>, sendo onde se destaca a prática como elemento fundamental.

A utilização dos estudos de Chartier tem se constituído referenciais para historiadores, e em especial àqueles da Educação. Por exemplo, ao analisar os manuais escolares, desde sua elaboração, edição e distribuição, Chartier concebe estes materiais como produção cultural e ao analisar as condições de consumo restitui sua historicidade<sup>16</sup>.

A reflexão sobre os livros didáticos se estabelece num panorama que considera as determinações legais e os reflexos destas na produção, quantitativa e qualitativamente, e posteriormente a sua apropriação por docentes e discentes, confirmando sua qualificação como produto cultural, pois os dados levantados dão condições de perceber o que representa esse material, sua influência, e o fazer pedagógico da escola brasileira, e se pode conceituá-lo como história cultural, pois presente promover uma identificação das práticas, dos discursos (apropriações) e representações assumidas.

## TEOLOGIA CULTURAL

Hegel apud Gibellini<sup>17</sup> apresenta a religião como “princípio e fim de tudo, e é igualmente aquilo que confere vida, animação e espírito a tudo”, esse pensamento emana da obra de Tillich. Este olhou criticamente para a Teologia, e assim tornou possível um diálogo não só entre diferentes pensadores, mas também os ensaios de diálogo entre as religiões.

Ele amplia o conceito de Deus como um “Ser-além-do-ser” o que faz transbordar muito das circunscritas idéias das religiões a Seu respeito. Quando se refere a Ele como o “Incondicionado” apresenta quanto é ilimitado, já que criador dos limites.

Considerando ser um teólogo de origem polonesa-alemã, que atuou como capelão na primeira guerra mundial, tendo migrou aos Estados Unidos devido às ameaças de Hitler, este importante teólogo protestante desenvolve alguns conceitos que vão além do convencional, pois pensa a respeito da Cultura e isso afere um cunho social a prática da religião.

---

<sup>15</sup> Chartier, 2002.

<sup>16</sup> Chartier, 2002, 52-53.

<sup>17</sup> GIBELLINI, Rosino. A Teologia do Século XX. P. 85 São Paulo: Loyola, 1998.

Esse autor coloca toda a criação de Deus, submissa a sua soberania, independente de ter ou não uma religião, pois, nada pode contrariar essa força criadora, e em sua obra, apresenta que o ser humano vive para Deus, ainda que não o cultue ou o aceite. Para Tillich, apesar da liberdade de cada um, toda a criação não se esquivava dos olhares de Deus. Ele versa a respeito de cultura e religião como sendo “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião”<sup>18</sup>, e por isso indissociáveis, pensamento chave da teologia de Tillich.

As culturas são, portanto, expressões humanas de ato cútico inato à Deus, independente de sua consciência e direcionamento voluntário. Como se fossem diferentes religiões, todos os atos seriam feitos para Deus, obedecendo a um propósito que não pode ser invalidado. Por isso os conceitos de heteronomia, autonomia e teonomia são muito importantes para a teologia tillichiana., e ele faz relação entre elas no âmbito religioso necessariamente ligadas à cultura.

Alguns pontos importantes de sua Teologia Sistemática merecem destaque: a liberdade do Espírito – não condicionando-o à esta ou aquela religião; a convergência entre sagrado e secular e a pertinência essencial mútua de religião e cultura – que é o foco de interesse deste estudo, onde se entende que a religião se expressa carregada por sua cultura – pois assume seus caracteres em suas formas de expressão, segundo Tillich.

## CONFLUENCIAS

Entre os pressupostos teórico-metodológicos de Paul Tillich e Roger Chartier existem pontos de confluência. Estes pontos destacados podem ser marcos para a identidade do Ensino Religioso.

Com relação à cultura, para Tillich, enquanto organização simbólica do mundo, ou dimensão simbólica expressiva da vida social, é necessário que a sua vida e formação, até a vinda para a América do Norte, deram para ele informações somente a respeito da situação cultural das elites.

Seu conceito de cultura (derivado de *colere*, cuidar de) estaria ligado a cuidar de algo, manter vivo e fazer crescer. Porém, ao encontrar e cuidar de algo as pessoas não deixam

---

<sup>18</sup> GIBELINNI, 1998, 90.

inalterados o que foi encontrado, cria a partir dele e de seus próprios referenciais algo novo, que seja materialmente (função técnica), receptivamente (função teórica) ou reativamente (função prática).

Para Tillich, baseado em Hegel, a análise da totalidade da cultura é tarefa filosófica, e a define como auto-criatividade da vida sob a dimensão do espírito, dividindo em teoria, onde a realidade é apreendida e em práxis, onde a realidade é configurada.

Essa teoria converge com o pensamento de Chartier ao perceber que Cultura é o conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nas condutas aparentemente menos “culturais”<sup>19</sup>, correlacionando-as ao mundo do vivido, do real – assim como Tillich.

Para a História Cultural o que se deve pensar é como todas as relações, inclusive aquelas que designamos como relações econômicas ou sociais, organizam-se segundo lógicas que colocam em jogo, em ação, os esquemas de percepção e de apreciação de diferentes sujeitos sociais, portanto, as representações constitutivas que se pode chamar de ‘cultura’, seja comum a toda uma sociedade, quer seja própria a um grupo determinado<sup>20</sup>.

Quanto à História, na perspectiva da Teologia da Cultura, é perceptível a ligação entre o ocorrido e a construção do sentido, conforme afirma Tillich “o infinito também aparecera no passado por meio de formas expressivas de vida bem como nos seus grandes símbolos. Os períodos da história passada também haviam sido revelatórios”<sup>21</sup>. O autor explicita que essa inferência que o ser humano dá ao ocorrido torna o ato de pensar, e em especial pensar o passado, um caracter transformador. Falando da história da filosofia, ele apresenta que ela “é mais do que a história de algumas ideias interessantes que se contradizem entre si. É a história da auto-interpretação do homem”<sup>22</sup>, ele diz que isso vai além do julgamento da lógica, pois alcança “também [...] o julgamento do sentido da existência como um todo. Aí está a responsabilidade de pensar, bem como a sua grandeza”<sup>23</sup>.

Chartier (2002) apresenta a História Cultural como “História Cultural do Social” na qual a noção de prática destaca-se como um aspecto fundamental, pois:

---

<sup>19</sup> Chartier, 2002, 59.

<sup>20</sup> Chartier, 2002, 59.

<sup>21</sup> TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. P. 107. 4ª Ed. São Paulo: Aste, 2010

<sup>22</sup> Tillich, 2010, 137.

<sup>23</sup> Tillich, 2010, 137.

a história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido (...) dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação<sup>24</sup>.

Ao ligar o sentido da existência, movido através do pensar, de Tillich à construção de sentido de Chartier, ligado a construção de sentido com as práticas se percebe a confluência da necessidade de pensar, ensinar, discutir e reconhecer assim: ordens, afirmações, distâncias e divisões – como forma de apropriação cultural, confirmando que História Cultural é percebida como uma “História Cultural do Social”<sup>25</sup>.

As linhas metodológicas dos dois autores também se encontram nos seus aspectos dialéticos. O método de empregar a tradição, em Tillich, foi eminentemente dialético, no espírito do *sic et non* de Abelardo. (TILLICH, 2010, 19). De acordo com Braaten, sua teologia sistemática foi construída segundo o ritmo de perguntas e respostas advindas da situação existencial (idem, 20).

Tillich buscava selecionar e interpretar o material a partir, e considerando, um determinado ponto de vista, ou melhor, de um ponto de vista bastante abrangedor. Pois pensava que elencar pessoas em diferentes épocas que falaram sobre o mesmo assunto “seria um modo estúpido de fazer história, mesmo se pudéssemos justificá-la com o adjetivo ‘factual’”<sup>26</sup>. Tillich considerava a História importante para a existência do hoje, do aqui e agora, por isso entendia não ser possível interpretar a história sem algum ponto de vista<sup>27</sup>.

No aparato metodológico da História Cultura emanam os conceitos de representação, apropriação e práticas, que se mostram importantes instrumentais e método de análise desenvolvidos por Chartier para interrogar os próprios objetos, em todas as suas estruturas. As categorias de cultura de representação e apropriação são noções essenciais para os estudos nesta perspectiva.

Quanto à noção de representação, onde são articulados aspectos básicos da relação com o mundo social, o que seria um fazer próprio da classificação e da delimitação, onde surge a idéia que a realidade é construída; depois que através das práticas é possível se

---

<sup>24</sup> Chartier, 1990, 27-28.

<sup>25</sup> Chartier, 2002.

<sup>26</sup> Tillich, 2010, 38.

<sup>27</sup> Tillich, 2010, 38.

reconhecer a identidade social e ainda considerar as formas institucionalizadas onde instâncias coletivas distinguem a existência dos grupos<sup>28</sup>.

Com base em Bordieu, como um dos vários autores sobre os quais Chartier se apóia, as divisões e classificações traduzem as percepções do mundo real, enquanto representações do mundo social. Elas são variáveis, respeitando a cultura de cada sociedade, e determinadas pelos interesses desta. Por isso mesmo não são neutras, cada representação produz estratégias e formas de legitimar suas escolhas<sup>29</sup>.

A apropriação é outro conceito que auxilia as análises tendo em tela a “história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundantes (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”<sup>30</sup>. O conceito de apropriação apresenta dialeticamente diferença e dependência.

Apesar da produção dos bens culturais seguirem regras, normas, hierarquias específicas (diferença), a questão da dependência é reforçada pelo jogo de poder e códigos de inteligibilidade, ligada aos princípios de organização e diferenciação sociais<sup>31</sup> e que precisam ser considerados.

A apropriação “tem por objetivo uma história social das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais e culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”<sup>32</sup>.

Com relação às práticas, é no entendimento entre o que representa e como ou o que se apropria, que desemboca na formação/construção das identidades. Torna-se possível, assim, perceber como acontece a apropriação das representações, e a partir dela os seus reflexos sobre as práticas, que podem ser transformadas palatinamente em “tradições”.

A forma que as representações são assumidas (apropriadas) e como as práticas são interpretadas e assumidas, em diferentes sociedades e períodos, é um viés histórico apresentado por Chartier, servindo-se de outras ciências para a compreensão e análise de representações, apropriações e práticas – como, por exemplo, a Sociologia, Antropologia e também, no caso do Ensino Religioso, da Teologia, cujas práticas docentes e educativas,

---

<sup>28</sup> Chartier, 1990, 23.

<sup>29</sup> Chartier, 1990, 17.

<sup>30</sup> Chartier, 1990, 26.

<sup>31</sup> Chartier, 1999, 9-10.

<sup>32</sup> Chartier, 1990, 26.

devem pensar considerando também a cultura escolar, que no caso da pesquisa, se serve dos livros didáticos. Estes, carregados de diferentes aspectos, mediam as relações entre grupos e indivíduos, e ao basear-se em representações e em apropriações, é necessário que se perceba um movimento confluyente<sup>33</sup> e dialético.

Entre História Cultural e Teologia da Cultura, faz-se o destaque também para o rigor no uso das palavras. Tillich frisa isso ao ensinar que “conhecer a história nos ajuda a entender o significado dos termos que usamos às vezes sem muita precisão” (2010, 108-109) e Chartier em entrevista a Revista de História<sup>34</sup> destaca que, por exemplo, a palavra “moderna” tem sentido ambivalente, e passa a detalhar essas diferenças.

Outra afirmação a respeito da íntima contribuição da História para a Teologia foi proferida por Tillich que afirmando ser o “principal propósito deste curso [que ministrava] é ajudar a entender os próprios problemas procurando descobrir as suas raízes no passado<sup>35</sup>, o que recupera o pensamento de Bloch em ser a História “a ciência dos homens no tempo”<sup>36</sup>. Nesta definição Bloch coloca o historiador como aquele que não deve se ater ao passado, pois como sujeito ativo, está no presente, e olha por esta ótica.

Utilizando o pensamento de Bloch<sup>37</sup> que “uma ciência nos parecerá sempre ter algo de incompleto se não nos ajudar, cedo ou tarde, a viver melhor, se encontra a grande confluência entre Teologia e História, completada na escola também através do Ensino Religioso.

### Considerações Finais

A Identidade do Ensino Religioso, fundamentada teórico-metodologicamente na História Cultural, com o auxílio das críticas lentes da Teologia Cultural, dá condições em ir além das abordagens puramente pedagógicas, ampliando-se dessa maneira as fontes a serem utilizadas e a diversidade de tratamento das mesmas, servindo-se de diferentes

---

<sup>33</sup> FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive & FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. P. 63. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>34</sup> HISTÓRIA, Revista de. Historiador Francês Discute as Práticas de Leitura Hoje. Entrevista - Roger Chartier. Revista de História da Biblioteca Nacional [on-line]. Em 1/11/2007. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/entrevista-roger-chartier>. Acesso: 19.jul.2014.

<sup>35</sup> Tillich, 2010, 36.

<sup>36</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Apologia da História, ou, O ofício de historiador. P. 7 Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

<sup>37</sup> Bloch, 2001, 45.

testemunhos históricos, e propiciando desenvolver análises que levem em consideração as múltiplas temporalidades, as permanências e rupturas nas práticas escolares.

Destarte é possível aferir que a História da Educação pode e deve ser compreendida e desenvolvida como um campo temático da História Cultural, cujas práticas escolares devem, e urgem, serem vistas como práticas culturais.

Um dos pressupostos da pesquisa é que a escola, ao fazer uso de determinados objetos culturais, em especial no caso o Ensino Religioso, deles se apropria de forma criativa e diferenciada, como lembram os historiadores Chartier (1990) e Chervel (1990), e assim aferem à disciplina os caracteres necessários para que se faça distinção de sua identidade.

## Referências

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília : MEC, 1996

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9475/97, de 22 de julho de 1997. *Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília : MEC, 1997.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHAGAS, Carlos. Paul Tillich: Quem foi, sua teologia e uma aplicação para a atualidade. Disponível em: <http://cristaoshoje.blogspot.com.br/2010/04/paul-tillich-quem-foi-sua-teologia-e.html>. Acesso em 28.abr.2014

CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. PortoAlegre:UFRS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica. 2009

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria e Educação. Porto Alegre, n. 2, 1990.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive & FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GATTI JR., Décio. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. Campinas/SP: Autores Associados, Uberlândia/MG, Editora da Universidade Federal de Uberlândia. p. 3-24, 2002

GIBELLINI, Rosino. A Teologia do Século XX. São Paulo: Loyola, 1998.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Ed. São Paulo: Ed. Atlas. 2008.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HIGUET, Etienne A. As relações entre Religião e Cultura no pensamento de Paul Tillich. Disponível em <https://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio14/as-relacoes-entre-religiao-e-cultura-no-pensamentode-paul-tillich#id34>. s.d. acesso em 25.jun.2014

HISTÓRIA, Revista de. Historiador Francês Discute as Práticas de Leitura Hoje. Entrevista - Roger Chartier. Revista de História da Biblioteca Nacional [on-line]. Em 1/11/2007. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/entrevista-roger-chartier>. Acesso: 19.jul.2014.

HUSSERL, Edmund. *A crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Atlas. 2003.

TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. 4ª Ed. São Paulo: Aste, 2010..